

Dossiê: Velhices e experimentações teórico-metodológico em antropologia**Benzedeiras, velhices e pandemia: O “Movimento Aprendizizes da Sabedoria” no centro-sul do Paraná**

Taisa Lewitzki

Universidade Federal do Paraná

taisa.cabocla@gmail.com

<http://orcid.org/0000.0002-5098-6598>

Adriane de Andrade

Universidade Federal do Paraná

adrianedeandrade@yahoo.com.br

<http://orcid.org/0000-0001-6042-871X>**RESUMO**

A partir da velhice como elemento constitutivo da identidade coletiva das benzedeadas, abordamos as percepções das benzedeadas acerca da manutenção do atendimento e tratamento de pessoas durante a pandemia de COVID-19, por meio de práticas tradicionais de cura, associados à sociobiodiversidade da Floresta de Araucárias. Através da metodologia etnográfica adaptada com recursos tecnológicos e protocolos de segurança e as narrativas das benzedeadas vinculadas ao Movimento Aprendizizes da Sabedoria (MASA), no interior do Paraná, analisam-se os impactos sobre o modo de vida dessas mulheres durante a pandemia. Em meio ao exercício do ofício, ao isolamento e a insegurança de familiares, identificam-se estratégias de manutenção do benzimento por meio do uso de tecnologias de comunicação e protocolos específicos. Observa-se que, embora desempenhem papel relevante na promoção da saúde popular, atendendo comunidades rurais e bairros periféricos, as benzedeadas constituem grupo de risco devido a idade e à presença de doenças crônicas.

Palavras-chave: Antropologia; Benzedeadas; Velhice; Pandemia; COVID-19.

Healers, old ages, and pandemic: The Movimento Aprendizes da Sabedoria in the Center-South of Paraná

ABSTRACT

Starting from old age as a constitutive element of the collective identity of the benzedeiras (traditional healers), this study addresses their perceptions regarding the continuation of care and treatment of people during the COVID-19 pandemic, through traditional healing practices and knowledge associated with the sociobiodiversity of the Araucaria Forest. Based on an ethnographic methodology adapted through technological resources and safety protocols, as well as narratives of benzedeiras linked to the Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA) in the countryside of Paraná, the study analyzes the impacts of the pandemic on these women's way of life. Amid the exercise of their healing practices, social isolation, and concerns expressed by family members, strategies for maintaining blessing rituals were identified through the use of communication technologies and specific safety protocols. The study observes that, although benzedeiras play a significant role in promoting community health care among rural communities and peripheral urban neighborhoods, they also constitute a risk group due to their age and the presence of chronic illnesses.

Keywords: Anthropology; Healers; Old age; Pandemic; COVID-19.

Benzedeiras, vejez y pandemia: El Movimiento Aprendices de la Sabiduría en el Centro-Sur de Paraná

RESUMEN

A partir de la vejez como elemento constitutivo de la identidad colectiva de las benzedeiras, este estudio analiza sus percepciones sobre la continuidad de la atención y el tratamiento de personas durante la pandemia de COVID-19, mediante prácticas y saberes tradicionales de curación vinculados a la sociobiodiversidad del Bosque de Araucarias. A través de una metodología etnográfica adaptada mediante recursos tecnológicos y protocolos de seguridad, así como de las narrativas de las benzedeiras vinculadas al Movimiento Aprendices da Sabedoria (MASA), en el interior del estado de Paraná, se analizan los impactos de la pandemia sobre el modo de vida de estas mujeres. En medio del ejercicio de su oficio, del aislamiento social y de la inseguridad manifestada por sus familiares, se identifican estrategias de mantenimiento de los rituales de bendición mediante el uso de tecnologías de comunicación y protocolos específicos. Se observa que, aunque las benzedeiras desempeñan un papel relevante en la promoción de la salud popular, atendiendo comunidades rurales y barrios periféricos, constituyen también un grupo de riesgo debido a la edad y a la presencia de enfermedades crónicas.

Palabras clave: Antropología; Benzadoras; Vejez; Pandemia; COVID-19.

Introdução

Ser benzedeira exige ser velha? A associação entre benzedeadas e mulheres idosas faz parte do imaginário social brasileiro. As representações do ofício da benzeção costumam privilegiar a imagem de uma mulher mais velha, de saia ou vestido, lenço na cabeça, rosário e ramo na mão. A “benzedeira velha”, expressão da cultura popular e do saber ancestral, aparece em diferentes campos, com destaque na arte, na cultura e na academia.

Na produção científica, pesquisas de diversas áreas frequentemente descrevem as benzedeadas como mulheres idosas, guardiãs de saberes antigos (Vânia Vaz, 2006; Geslline Giovana Braga, 2010; Marisete Terezinha Hoffmann-Horochovski, 2012; Lidiane Alves Cunha, 2017). Pouco, porém, se discute, a velhice como marcador da trajetória dessas mulheres. Este artigo busca justamente evidenciar a diversidade e a pluralidade de experiências que atravessam o envelhecimento das curandeiras, a partir das memórias e narrativas de quem detém o ofício de benzer e curar, com ênfase nos impactos da pandemia de COVID-19 e na classificação das pessoas idosas como “grupo de risco”.

Segundo Adriane de Andrade (2019; 2024) e Taisa Lewitzki (2019), o Movimento Aprendiz da Sabedoria (MASA), no Centro-Sul do Paraná, tem a idade como um elemento recorrente na definição social da benzedeira. Em encontros, oficinas e cursos, a pergunta sobre a idade como sinal diacrítico da identidade surge com frequência. Ao mesmo tempo, cresce a heterogeneidade do público interessado nos saberes tradicionais de cura, diverso em pertencimento étnico-racial, origem geográfica, gênero, classe social e idade.

Desde a criação do MASA, em meados dos anos 2000, suas integrantes diferenciam quem está em aprendizado das benzedeadas já reconhecidas. As “aprendizes da sabedoria” mantêm laços de parentesco, compadrio, vizinhança ou amizade com as benzedeadas, apoiando suas atividades e incorporando gradualmente o ofício. Essa passagem de aprendiz para benzedeira ocorre a partir da convivência, dos vínculos afetivos e do aprofundamento do conhecimento, num processo em que idade e experiência caminham juntas (Lewitzki, 2019).

Segundo Lewitzki (2019), nesse contexto, a iniciação ao benzimento costuma coincidir com a menopausa, a chegada de netos, a aposentadoria ou a viuvez, quando se inaugura um novo lugar social de cuidado voltado à comunidade, distinto do espaço doméstico. Em Rebouças, Irati e São João do Triunfo, as trajetórias das benzedeadas

revelam um padrão etário e de atividade produtiva marcado por esse momento de transição. Muitas só puderam se dedicar integralmente ao benzimento após a aposentadoria ou a viuvez, quando já idosas, enquanto aprendizes mais jovens — muitas delas na casa dos cinquenta anos — em geral não se casaram nem tiveram filhos, o que favoreceu a participação ativa no movimento e em outras organizações comunitárias (Lewitzki, 2019, p. 61).

Embora a maioria das benzedeadas tenha mais de sessenta anos, há também mulheres mais jovens e homens que exercem o ofício. No interior paranaense, contudo, a velhice se mostra constitutiva da identidade da benzedeadas, articulando-se a gênero, pertencimento étnico de povos e comunidades tradicionais da Floresta de Araucárias, origem rural e formas locais de organização social. De acordo com o Estatuto da Pessoa Idosa (Lei n. 10.741/2003), são idosas as pessoas com 60 anos ou mais; entre as benzedeadas, porém, o termo preferido é “velha”, usado como expressão de respeito e reconhecimento.

Ser “velha” não é apenas ter mais de sessenta anos: implica especialização, popularidade e reconhecimento social. A velhice, nesse contexto, é positiva, pois confere autoridade e saber, sustentando um papel central na promoção da saúde popular e na salvaguarda da cultura tradicional. O envelhecimento é, assim, parte do processo de constituição da identidade da benzedeadas, expressão de um conhecimento acumulado ao longo de experiências, desafios e práticas comunitárias.

Estudos reforçam essa perspectiva. Ariadne Meira et al. (2015) argumentam que o ofício de benzer contraria o estigma social da velhice como período de suspensão ou perda de valor, oferecendo às benzedeadas um lugar de inclusão e pertencimento. A autora Hoffmann-Horochovski (2012) destaca que a velhice se ressignifica continuamente, enquanto Simone Dourado (2020) aponta que pesquisas recentes têm superado a visão da velhice apenas como declínio biológico, reconhecendo sua positividade e sua presença ativa na vida pública.

Nesse artigo, o principal objetivo é analisar os processos de enfrentamento do cerceamento das práticas de benzeção pelas benzedeadas do Movimento Aprendizes de Sabedoria durante a pandemia de COVID-19, período em que as benzedeadas foram classificadas como grupo de risco, em razão de sua faixa etária majoritariamente acima dos sessenta anos. Para a análise usamos duas abordagens: Primeiro, o protagonismo político, social, ambiental e cultural das benzedeadas, que, como movimento social de povos e comunidades tradicionais, pautam o espaço público com projetos de cuidado das pessoas,

dos animais, das águas e das florestas. Segundo, o impacto da pandemia de COVID-19, que as colocou simultaneamente em posição de grupo de risco e de protagonismo na promoção da saúde.

O texto se organiza em três seções. A primeira, apresenta as benzedadeiras da região Centro-Sul do Paraná, interlocutoras desta pesquisa. A segunda, descreve a metodologia de experimentação etnográfica, adaptada com recursos tecnológicos e protocolos de segurança para o período de restrições presenciais. A terceira, analisa as narrativas de doze benzedadeiras, evidenciando como enfrentaram o isolamento, o medo e o adoecimento, bem como as estratégias de continuidade do benzimento e de articulação com familiares, pesquisadoras e outras benzedadeiras por meio da internet, garantindo a resistência e a visibilidade das práticas de cura durante a crise sanitária global.

Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA)

A organização sociopolítica das benzedadeiras da região Centro-Sul do Paraná consolidou-se nos anos 2000, em meio ao processo de reconhecimento dos povos e comunidades tradicionais no Brasil. Nesse contexto, surgiu, em 2008, o Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA), formado por benzedadeiras e benzedeiros, curandeiras e curadores, parteiras, rezadores, massagistas tradicionais e aprendizes de cura. Denner Almeida (201, p. 52) descreve que o coletivo “é formado por um público que se constitui em boa parte por senhores e senhoras idosas”. Lewitzki (2019, p. 43) argumenta que as práticas de cuidado são realizadas “por mulheres idosas que caracterizam as benzedadeiras, quanto ao seu público, formado em sua maioria por mulheres mães e avós”.

O grupo integra a Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais do Paraná e atua, sobretudo, nos municípios de Rebouças, São João do Triunfo e Irati. O MASA luta pelo reconhecimento dos ofícios tradicionais de cura e pela defesa dos territórios frente ao avanço do capital, que desmata, envenena e ameaça suas práticas (Andrade, 2019). As mulheres do movimento possuem longa trajetória de liderança em causas coletivas ligadas à agricultura familiar e agroecológica, à organização de mulheres rurais e às religiões populares, conforme identificado por Lewitzki (2019) ao analisar a trajetória das benzedadeiras do MASA.

Por seu modo de vida enraizado no território e pela transmissão cultural dos saberes de cura, as benzedadeiras se inscrevem na categoria de povos e comunidades tradicionais. Estima-se que existam, atualmente, cerca de 7.000 praticantes da arte de curar e ensinar

remédios caseiros no Paraná, colaborando diretamente para a saúde de milhares de pessoas em todos os municípios do estado (José Vandresen et al., 2014). Esses detentores de saberes acumulados ao longo de gerações possuem origens diversas — indígenas, africanas e europeias — e mantêm vivas práticas que resistem à disseminação de agrotóxicos e à destruição das florestas nativas (Vandresen et al., 2014).

Ao longo de mais de 17 anos de luta, o Movimento das Benzedeiras conquistou importantes avanços, sendo um marco na organização política e na elaboração da identidade coletiva do grupo, os processos de mapeamento sociais com aporte da metodologia do Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil. Os mapeamentos realizados nos municípios de Rebouças (2009-2010), São João do Triunfo (2009-2011) e Irati (2015), resultaram na identificação de detentores de ofícios tradicionais de cura e sua articulação coletiva.

Os mapeamentos sociais subsidiaram a aprovação de leis municipais em Rebouças, São João do Triunfo e Irati, que dispõem sobre o reconhecimento da identidade coletiva das benzedeadas e regulamenta o livre acesso às plantas medicinais: “o processo de reconhecimento dos ofícios tradicionais de saúde popular em suas distintas modalidades: benzedeados (a), curadores, costureiros (a) de rendiduras ou machucaduras e regulamenta o livre acesso à coleta de plantas medicinais nativas” (Rebouças, 2010, p. 1).

No âmbito do Estado do Paraná, foi aprovada a Lei Estadual nº 19.689/2018, que reconhece os saberes e práticas de cura popular como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Paraná.

Art 1º. Declara Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Paraná os saberes, conhecimentos e práticas tradicionais de saúde dos ofícios tradicionais de saúde popular e cura religiosa dos benzedeados e benzedeadas, costureiros, costureiras de rendidura e machucadura, massagistas tradicionais, rezadeiras, remedieiros e parteiras do Estado do Paraná, em atendimento ao disposto nos arts. 215 e 216 da Constituição Federal e no art. 191 da Constituição Estadual (PARANÁ, 2018, p. 1).

Essas legislações garantem o acesso às ervas medicinais, valorizam os saberes tradicionais e possibilitam sua integração ao sistema de saúde formal. Ademais, percebe-se que os processos organizativos do MASA têm inspirado iniciativas de valorização e reconhecimento das benzedeadas em outras regiões do Brasil:

A visibilidade das benzedeadas do centro-sul do Paraná, por meio dos processos de mapeamento social, organização política, aprovação de leis específicas e conquista de prêmios, passou a ser referência para novas iniciativas que têm

como objetivo a valorização e a salvaguarda dos detentores de ofícios tradicionais. Desta forma, percebe-se uma associação entre mapeamento social e reconhecimento jurídico-formal, sendo um caminho escolhido por coletividades que transcendem a especificidade das benzedadeiras do centro-sul paranaense que se autorreconhecem como povos e comunidades tradicionais, abrindo possibilidades para diferentes estratégias de valorização e visibilidade que incidem em cartografias de reconhecimento (Lewitzki, 2025, p. 241).

As vitórias também ampliaram a visibilidade nacional do movimento, permitindo a produção de materiais pedagógicos, documentários e a continuidade de ações coletivas. O grupo atua, ainda, na preservação cultural e ambiental, promovendo festas populares e mantendo espaços como a Casa de Rezas Tradicionais, em Irati, inaugurada em 2017, e o Parque Ambiental Municipal Monge São João Maria, instituído em 2017, no município de Rebouças (Andrade, 2024). Faz parte do modo de vida das benzedadeiras, a manutenção das festas e celebrações, associadas ao catolicismo popular, como festas de santo, romarias de São Gonçalo e mesadas de anjos.

Mais do que o reconhecimento formal, as benzedadeiras fortalecem uma identidade coletiva em defesa de ofícios historicamente desvalorizados, resistindo em seus territórios e preservando a biodiversidade da mata de araucárias. A trajetória do MASA tem sido registrada em pesquisas acadêmicas, como a tese de Andrade (2024), as dissertações de Almeida (2013), Lewitzki (2019), Andrade (2019), Mariana Nunes Cândido (2021), a monografia de Caian Bruschetta (2019) e artigos científicos (Andrade; Jorge Montenegro Gomez, 2019; Andrade, 2023; Lewitzki, 2019; Lewitzki, 2025a; Lewitzki; Douglas Fróis, 2025; Josiane Carine Wedig, 2020; João Daniel Dorneles Ramos, 2020).

De acordo com Lewitzki (2019, p. 133): “O Movimento Aprendizes da Sabedoria apresenta um projeto de vida pautado por mulheres velhas e camponesas, baseado nas relações de cuidado e confiança, que extrapolam o universo do benzimento, porque incidem em temas globais”. O protagonismo das mulheres atravessadas por relações de gênero, envelhecimento, pertencimento étnico-racial e o mundo rural da Floresta de Araucárias, colabora para descortinar a experiência sociopolítica das benzedadeiras, a partir da sua incidência no cuidado e na promoção da saúde popular, bem como na especificidade da organização social e no fazer político que implica em diferentes debates sociais, como à saúde, a cultura e o meio ambiente.

Para além da caminhada histórica pelo reconhecimento de um ofício tradicional de cura, este artigo analisa os processos de enfrentamento do cerceamento das práticas de

benzeção durante a pandemia de COVID-19 e os processos de reafirmação do papel desempenhado pelas benzedeadas num cenário de crise sanitária.

Benzedeiras e pandemia do COVID-19

A pandemia de COVID-19 alterou profundamente o cenário de luta e a caminhada do Movimento das Benzedeadas, impondo novos desafios, mas também impulsionando práticas de saúde comunitária feminina. Essas práticas reafirmaram o papel das benzedeadas como protagonistas na produção de cuidados e saberes ancestrais em tempos de crise.

A interrupção dos encontros presenciais impactou fortemente a atuação das benzedeadas do Paraná, resultando em perdas de vidas, adoecimento e restrições ao exercício do ofício de benzer. As Secretarias Municipais de Saúde, seguindo determinações de órgãos de saúde e fiscalização, estabeleceram limites rigorosos para os chamados grupos de risco. Muitas benzedeadas foram aconselhadas a suspender seus atendimentos, tanto pela falta de recursos adequados de proteção quanto pelo enquadramento como grupo de risco — em razão da idade, geralmente acima de sessenta anos, e da presença de comorbidades como diabetes, hipertensão e doenças cardíacas.

Simone Pereira da Costa Dourado (2020, p. 155), no artigo *A pandemia de COVID-19 e a conversão dos idosos em grupos de risco*, observou, a partir do contato com interlocutores idosos, “o peso que sobre eles recai de que ter sessenta e mais anos passou a ser, de um dia para o outro, arriscado”. Segundo a autora, a força estigmatizante da caracterização de risco se consolidou com “os decretos e orientações de vários estados e municípios exigindo ou sugerindo que os idosos fiquem em casa, [o que] soou como confirmação do risco e provocou angústia por impedir a organização do cotidiano como faziam”.

A inclusão dos idosos no “grupo de risco” reforçou discursos e práticas velhofóbicas, como destaca Miriam Goldenberg (2020). Angela Hutchison (2021, p. 36) destaca que durante a pandemia a velhice alcançou notoriedade “pois os idosos inicialmente rotulados de grupo de risco foram submetidos a um campo específico de cuidados, mas, ao mesmo tempo, de marginalização, repleto de discursos estereotipados que depositavam sob as pessoas idosas a responsabilidade da vulnerabilidade a doenças e a sua prevenção”.

Para Dourado (2020, p. 156-157), um dos nortes para pesquisas sobre envelhecimento no contexto da pandemia é recorrer à herança antropológica e considerar

os condicionantes individuais e coletivos que expõem — ou não — os idosos à maior vulnerabilidade. A simples determinação de que eles seriam frágeis e deveriam ser tutelados pelo Estado, pela sociedade e pelas famílias reproduz a imagem da velhice como fase de perdas, especialmente de autonomia para tomar decisões, e de custos, pois “idosos são rotineiramente elencados como os que dão mais gastos ao sistema de saúde”.

Parte do público das benzedeiras do Centro-Sul do Paraná é formado por pessoas idosas que buscam o atendimento, inclusive entre as próprias benzedeiras. Esse perfil é evidenciado por outras pesquisas que demonstram em contextos específicos, a preferência de pessoas idosas pelo tratamento proporcionado pelas benzedeiras, não eliminando, no entanto, os procedimentos biomédicos. Conforme verificado por Stephanie Jesien, Luana Patrícia Marmitt e Rodrigo Dalke Meucci (2022) no município de Rio Grande (RS), há uma prevalência à procura de benzedeiras para tratamento de saúde entre idosos residentes na área rural, principalmente aqueles que apresentam problemas na coluna e artrose, e acessam a terapia popular para melhorar a qualidade de vida.

Apesar das restrições, algumas benzedeiras continuaram a acolher a comunidade, conciliando cuidados básicos de prevenção com a necessidade de manter o ofício de cura. Demonstraram, assim, a centralidade do cuidado e da solidariedade em suas práticas. Em meio à dor e ao medo, transmitiram esperança, fé e conforto, reafirmando sua identidade como guardiãs de saberes e defensoras da vida.

Nossa interlocução com as benzedeiras durante a pandemia só foi possível devido ao vínculo de pesquisa, extensão e assessoria construído, de forma presencial e contínua, ao longo de mais de uma década. Esse histórico permitiu o diálogo e o acesso por meio de chamadas telefônicas, mensagens de texto e áudios via aplicativo *WhatsApp*, muitas vezes com a facilitação de familiares das benzedeiras, que também integram a rede de relações do grupo.

As narrativas aqui apresentadas resultam de um esforço coletivo entre pesquisadoras, benzedeiras e familiares para registrar memórias populares da pandemia, com ênfase na especificidade dessas mulheres que, ao mesmo tempo em que são agentes de saúde popular, foram classificadas como grupo de risco. Com o incentivo da Plataforma de Direitos Humanos Dhesca Brasil, entre novembro e dezembro de 2021, organizamos uma série de vídeos reunindo relatos de benzedeiras dos municípios de Irati, Rebouças e São João do Triunfo sobre a manutenção do benzimento durante a pandemia.

A captação presencial de vídeos curtos com 12 benzedeiras do Movimento Aprendizes da Sabedoria foi precedida de chamadas coletivas e individuais, além de

reuniões virtuais entre pesquisadoras, benzedeadas e familiares. Os diálogos sobre protocolos de segurança foram permeados, por um lado, pelo receio de transmitir o vírus e, por outro, pelo desejo de escutar ativamente e acolher angústias, desabafos, estratégias e resistências.

A maior dificuldade da pesquisa foi limitar o contato físico, tão importante para os vínculos afetivos entre pesquisadoras e benzedeadas. Tradicionalmente, as visitas incluem o chimarrão, a partilha de alimentos e o toque físico durante o benzimento. O uso de máscaras e o distanciamento geraram constrangimento, mas permitiram a realização dos encontros com segurança, em respeito às normas de prevenção e à ética de pesquisa.

Os relatos resultaram no documentário *Memórias da Pandemia*, disponível em plataformas virtuais, e revelam vivências de insegurança e sofrimento provocadas pelo isolamento, luto e adoecimento, bem como processos de resistência e organização. Destacam-se estratégias para manter as práticas tradicionais de cura em prol da saúde popular e o uso de tecnologias de comunicação como meio de encontro e fortalecimento coletivo.

Dona Donatila Kuller, 89 anos, da comunidade de Cachoeira, em São João do Triunfo, não interrompeu seus atendimentos, recebendo pessoas em casa:

Não fiquei com medo de ninguém! (...) As pessoas continuaram procurando, não pararam. Ontem, ainda veio uma senhora aí, trouxe uma menina, ela gritando de dor de barriga, daí eu ensinei remédio. (...) Eu não mudei o jeito de receber as pessoas por conta do vírus. (...) Alguns vinham com máscara, outros não, mas eu não fiquei com medo de ninguém (Donatila Kuller, entrevista, 2021, Cachoeira – São João do Triunfo/PR).

Em Irati, Dona Sebastiana manteve suas práticas após um período de luto:

Agora, com essa pandemia, fiquei uns meses sem atender, mas não por causa dela, e sim por causa do luto. Depois continuei, porque as pessoas precisam. (...) Eu benzo de várias coisas: criança de ar, de susto, de bichas, costuro rendidura, dor de dente... Graças a Deus, todo mundo que vem é curado e fortalecido com os poderes de Deus (Sebastiana Ferreira Ribeiro, entrevista, 2021, Vila São João - Irati/PR).

Também em Irati, Dona Rosinha, da comunidade de Vila Nova, destaca a continuidade dos atendimentos, ainda que adaptados:

Eu faço simpatia de bronquite, arrumo machucadura, costuro rendidura, faço cone de ouvido, sou rezadeira de romaria também. (...) Eu, aqui na minha casa, não parei. Passou dois anos, graças a Deus, não fiquei nem com gripe. Atendo normalmente, só que mais machucadura e benzimento de longe, ensino remédio e simpatia também (Rosalina Gomes dos Santos, entrevista, 2021, Vila Nova – Irati/PR).

Já Ana Maria, de Rebouças, optou por realizar benzimentos à distância e intensificar o uso de chás:

Na pandemia, nós benzedadeiras ficamos mais em casa fazendo nossos benzimentos, porque nós não paramos. Só que fazíamos com o nome das pessoas, benzia, fazia oração, ensinava remédio. (...) Alguns chegavam só na cerca, outros ligavam pedindo oração ou chá. (...) A maioria das pessoas pedia chá calmante, por causa do estresse. Cada benzedeira tem seu oratorinho, e nele pedíamos pela saúde do povo do mundo inteiro, e também para que fosse encontrada uma cura para a pandemia (Ana Maria dos Santos, entrevista, 2021, Rebouças/PR).

Agda Andrade Cavaleiro, de 76 anos, também de Rebouças, relatou a intensidade dos atendimentos, mesmo após ter contraído o vírus:

Trabalhei durante a pandemia, eu não parei de benzer, sempre tava benzendo, atendendo as pessoas, preparando remédio, garrafada, xarope, pomada, tintura e arrumando machucadura. (...) Em maio não pude atender porque estava com COVID, mas depois continuei. (...) Nesse momento que deu o vírus, nós perdemos muitas benzedadeiras. (...) Estou ensinando pomadas, tinturas e remédios, mas o benzimento ninguém quer aprender, acho que vai se acabar por aí mesmo (Agda Andrade Cavaleiro, entrevista, 2021, Rebouças/PR).

Dona Alzira, também de Rebouças, reforça sua disposição em atender tanto presencialmente quanto a distância:

Continuei meu trabalho de benzimento, não fechei as portas para ninguém, porque eu não tenho medo. (...) Eu mesmo fiz meu trabalho, porque eu acho que tenho a obrigação. (...) Para essa mulher de Curitiba eu fiz de longe, mas outros vêm aqui em casa. Eu não escolho: me procurou, seja quem for, eu estou fazendo (Dona Alzira, entrevista, 2021, Rebouças/PR).

Outras benzedadeiras relataram mudanças temporárias na prática. Dona Dejanira colocou uma placa informando a suspensão dos atendimentos:

Na pandemia eu pus uma plaquinha uns dias, porque eu sentia de não poder atender. (...) Aqui deu muito forte, mas já está melhor (Dejanira Machado, entrevista, 2021, Rebouças/PR).

Dona Glorinha, também de Rebouças, optou por restringir os atendimentos presenciais, mas continuou realizando curas à distância:

Eu tava com medo desse problema da pandemia, mas aqui não recebia ninguém, curava gente e criança de longe. (...) Tudo que a gente faz com fé é aceito. (...) A saúde disse que não era para mim receber gente de longe, era para fazer os pedidos e curar as crianças aqui quietinha. (...) Eu acendia a vela, fazia meus pedidos e era aceito (Glória Malaquias, entrevista, 2021, Rebouças/PR).

Em Irati, Dona Ilda manteve o atendimento, destacando sua importância comunitária:

Na pandemia toda atendi o pessoal com grande alegria, que vinham porque precisavam da gente. Nunca deixei de atender nenhuma pessoa. (...) Sinto falta das outras curandeiras por causa da pandemia, mas continuo, lutando para frente (Dona Ilda, entrevista, 2021, Engenheiro Gutierrez – Irati/PR).

Jacira Marcante de Paula, do Conjunto Zarpelon, também destacou a relevância de manter o compromisso com a comunidade:

Trato das crianças desde o primeiro aninho até a idade maior. (...) Na pandemia a gente deu uma parada, mas não foi tanto, porque temos que cumprir o compromisso de atender nosso povo, de Irati e de fora. (...) Temos que prestar bom trabalho e bom serviço à comunidade (Jacira Marcante de Paula, Conjunto Zarpelon – Irati/PR, 2021).

De forma semelhante, Delurdes, de Riozinho, continuou realizando atendimentos, inclusive por telefone:

[Na pandemia] por telefone, pegando o nome, o número do calçado para cortar de ar, mas continuei, não parei, porque é preciso. (...) Vem adulto, vem criança bastante, então é isso que eu faço (Delurdes de Andrade de Paula, Riozinho – Irati/PR, 2021).

Nas Canesianas, Dona Nilza manteve sua casa aberta aos atendimentos presenciais:

Eu não parei de atender na pandemia, quem precisava de mim, minha casa estava de portas abertas. (...) As pessoas entravam de máscara, mas às vezes pediam para tirar, e eu deixava. Nunca tive medo dessa doença, nunca mesmo. (...) Sempre com fé em Deus, graças a Ele não peguei essa doença (Nilza Aparecida Ferreira Soarez, Riozinho – Irati/PR, 2021).

As narrativas revelam que, mesmo em um cenário de medo e recomendações de isolamento, o cuidado coletivo permaneceu no centro da atuação das benzedeadas. Donatila Kuller e Nilza Soarez, por exemplo, afirmam não ter “ficado com medo de ninguém” e mantiveram a casa aberta. Essa disposição demonstra que o benzimento é compreendido como obrigação moral e espiritual, não apenas como serviço eventual. A decisão de continuar atendendo, mesmo diante de riscos sanitários, reforça a noção de “trabalho de cuidado” como prática relacional e inalienável (Joan Tronto, 2013; Annemarie Mol, 2008).

A fé em Deus é recorrentemente citada como fonte de proteção e coragem “graças a Deus, não peguei essa doença”, diz Nilza. Em vez de passividade, essa confiança se apresenta como agência: uma forma de agir sobre o mundo e resistir à narrativa de fragilidade imposta aos idosos durante a pandemia. Dialoga com a crítica de Dourado (2020) e Goldenberg (2020) à construção da velhice como incapacidade.

As benzedadeiras combinaram presença e distância. Donatila e Rosinha não interromperam o contato físico, enquanto Ana Maria, Delurdes e Glorinha, criaram alternativas como benzimentos à distância, orações em casa e uso de telefone ou *WhatsApp*. Essa plasticidade evidencia uma ampliação das práticas, os rituais se reconfiguram sem perder eficácia, incorporando tecnologias contemporâneas sem romper com os fundamentos espirituais. Nesse aspecto, é importante registrar que o benzimento à distância, por meio de uma peça de roupa, fios de cabelo, ou até mesmo um bilhete, da pessoa que precisa do benzimento, faz parte da tradição das benzedadeiras.

A narrativa de Sebastiana, que pausou não pelo vírus, mas pelo luto, introduz a temporalidade afetiva da pandemia. A pausa não é mero afastamento, mas momento de reelaboração do sofrimento e de reafirmação do compromisso com a comunidade, reforçando que o ofício de benzedeira é mais amplo que o ato técnico do benzimento.

Agda Andrade alerta para o risco de descontinuidade do ofício: “o benzimento ninguém quer aprender”. A pandemia evidencia, assim, uma dupla vulnerabilidade: sanitária pela idade das praticantes e cultural pela falta de sucessoras, uma preocupação presente no Movimento das Benzedadeiras. Essa percepção dialoga com debates sobre patrimônio imaterial e necessidade de políticas de salvaguarda, a exemplo da própria Lei Estadual da Benzedadeiras (Lei 19.689/2018).

As falas, portanto, contrapõem a imagem estatal do “idoso frágil” ao cotidiano de idosas ativas, guardiãs de saberes e lideranças comunitárias. Essa resistência performa uma política de envelhecimento que recusa o confinamento e reivindica autonomia, desafiando políticas públicas baseadas em tutela. De encontro com a perspectiva de Márcia Reis Longhi (2024, p. 3): “O cuidado foi mais um fio nessa trama em permanente construção a partir das inúmeras estratégias criadas pelas idosas e por seus familiares, durante a pandemia, para buscar a sobrevivência e resistência”. As pessoas idosas adoeceram e precisaram de cuidados, mas em muitos casos, elas cuidaram e, além disso, “sustentaram suas famílias — com a aposentadoria, a pensão, os auxílios ou o salário”.

As benzedadeiras transformaram o isolamento em ampliação das práticas rituais de benzimento e cuidado. Entre rezas enviadas por telefone e benzimentos por cima da cerca, reafirmaram que a eficácia da cura reside na rede de relações espirituais e comunitárias que tecem. Ao fazê-lo, contestaram a categoria “grupo de risco”, revelando a velhice como potência de cuidado e não como sinônimo de fragilidade.

Estratégias de resistências no contexto da pandemia

No início da pandemia, com a transição das atividades presenciais para o formato remoto, percebeu-se que a participação das benzedeadas em espaços virtuais de troca de saberes seria desafiadora. Muitas enfrentavam dificuldades de acesso a equipamentos eletrônicos, como celulares, tablets e computadores, assim como à internet nos locais onde se encontravam. Havia também o receio de que a mediação pudesse, inadvertidamente, tornar-se vetor do vírus.

Gradualmente, parte das benzedeadas começaram a se conectar por meio de familiares ou pessoas próximas dispostas a ajudar. Participaram de “lives”, reuniões e rodas de conversa, e, com o tempo, passaram a ocupar também as redes digitais. Dessa conexão, surgiram novas práticas e oportunidades de interação.

Apesar das dificuldades, o movimento encontrou alternativas para manter-se ativo durante o isolamento. As benzedeadas passaram a utilizar recursos digitais, com apoio de familiares e parceiros, participando de reuniões virtuais, lives, podcasts e encontros nacionais. Essas experiências ampliaram a rede de articulação do Movimento Aprendiz da Sabedoria, fortalecendo a visibilidade das práticas ancestrais de cura e a presença política das benzedeadas em espaços de representação (Andrade, 2024).

Durante a pandemia, destacaram-se iniciativas como a série de podcasts “Benzedeiras do Paraná: Mulheres de fé”, produzida em parceria com o Museu Paranaense e a Universidade Federal do Paraná (UFPR), por meio da organização de mensagens de áudios de seis benzedeadas sobre suas trajetórias na cultura do benzimento. As redes de articulação foram se capilarizando, permitindo que as benzedeadas ocupassem espaços como a Associação Nacional de Educação Popular em Saúde (ANEPS-PR), o Grupo de Trabalho de Política de Práticas Integrativas de Saúde no Paraná, o GT de Saberes Tradicionais do IDEIASUS-FIOCRUZ, além de manter sua cadeira de membro titular no Conselho Estadual de Povos e Comunidades Tradicionais do Paraná (CEPICT). Em setembro de 2021, participaram remotamente da 9ª Reunião Estadual da ANEPS Paraná, em mesa intitulada “Práticas ancestrais de cuidado: Nossas benzedeadas”, promovendo um diálogo rico entre benzedeadas de diferentes regiões do Brasil.

Mesmo sem encontros presenciais durante quase dois anos, o MASA se manteve em movimento, conquistando novas ramificações e fortalecendo os laços comunitários. A primeira participação presencial ocorreu em fevereiro de 2022, em oficina organizada pelo Museu Paranaense em Curitiba, no programa “Se Enfiasse os Pés na Terra”, que trouxe ações artísticas, educativas e culturais para aproximar o público da sociobiodiversidade da

Floresta de Araucárias e do território caíçara. Nesse evento, as benzedadeiras compartilharam saberes tradicionais sobre plantas medicinais com curadores naturais do litoral paranaense.



Figura 1 – Eva Portela e Agda Andrade Cavaleiro na Oficina “Plantas e modos de benzimento” Programa Público “Se eu enfiasse meus pés na terra”. Fonte: Divulgação SEEC/Museu Paranaense, Curitiba/PR, 2022.

Durante todo o período, o MASA preservou sua metodologia baseada na troca comunitária de saberes e no apoio mútuo, mantendo atendimentos nos territórios, conquistando prêmios culturais e produzindo materiais audiovisuais, como o documentário “Memória da Pandemia”, que registra suas experiências e estratégias de resistência. Tal processo reafirma o papel das benzedadeiras como guardiãs de saberes tradicionais e protagonistas na luta por saúde popular.

Considerações finais

As narrativas e experiências das benzedadeiras do Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA) evidenciam a centralidade da velhice e do envelhecimento na construção de identidades coletivas e individuais voltadas ao cuidado e à promoção da saúde comunitária. A pandemia do COVID-19, ao enquadrar a maioria das benzedadeiras como grupo de risco, desafiou práticas historicamente estabelecidas, mas também revelou a capacidade de adaptação dessas mulheres na manutenção de seus ofícios.

O período de isolamento evidenciou estratégias de resistência múltiplas: a continuidade dos atendimentos presenciais por algumas benzedadeiras, a realização de

benzimentos à distância, o uso de recursos digitais, lives, podcasts e reuniões virtuais, e a articulação política em fóruns e grupos de trabalho. Tais estratégias não apenas preservaram o exercício do ofício, mas também ampliaram a visibilidade do movimento, fortalecendo redes de cuidado, solidariedade e transmissão de saberes tradicionais de cura.

A pandemia reforçou, ainda, a importância da organização sociopolítica das benzedeadas, mostrando que a coletividade fornece subsídio para a permanência e resistência do ofício em tempos de crise, tornando-se instrumento de cuidado comunitário, resistência cultural e protagonismo social. O MASA demonstrou que a tradição e a inovação podem coexistir, articulando práticas ancestrais com tecnologias contemporâneas, preservando saberes e garantindo a participação ativa das benzedeadas na vida pública, mesmo em contexto de crise sanitária global.

Por fim, o estudo reafirma que envelhecer na função de benzedeadas não é sinônimo de fragilidade, mas sim de expertise, prestígio social e cuidado ativo. A trajetória das benzedeadas durante a pandemia evidencia como o tempo, a experiência e os vínculos comunitários se convertem em conhecimento especializado, capaz de transformar desafios em oportunidades de resistência, solidariedade e promoção da saúde popular.

Referências

ALMEIDA, Denner Mariano. *A comunicação pública e o capital social do Movimento Aprendiz de Sabedoria: da (in)visibilidade ao empoderamento*. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

ANDRADE, Adriane de. *O Movimento Aprendiz de Sabedoria (MASA): tecendo territorialidades de cura na disputa por saberes comuns*. 2019. 164 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

ANDRADE, Adriane de; GÓMEZ, Jorge Ramón Montenegro. Movimento Aprendiz de Sabedoria (MASA): cartografando processos de r-existência. *Revista Campo-Território*, Uberlândia, v. 14, n. 33, ago. 2019b. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/49590>. Acesso em: 30 set. 2025.

ANDRADE, Adriane de. Benzedeadas, saberes ancestrais de cura e a disputa no campo do saber: um olhar decolonial. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, v. 14, n. 1, pp. 77-97, 2023.

ANDRADE, Adriane de. *Geo-grafias da saúde popular comunitária: mulheres, saberes e práticas cotidianas de cura, uma experiência desde o movimento de benzedeadas do Paraná e do setor de saúde do MST Paraná*. 2024. 270 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de

Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2024.

BRAGA, Gesline Giovana. *Retratos da benção: usos da fotografia entre as benzedadeiras de Campo Largo*. 2010. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/25959>. Acesso em: 30 set. 2025.

BRUSCHETTA, Caian Alberto Mello. *Cura e devoção: a vida e a sabedoria das benzedadeiras de Rebouças*. 2015. 182 f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

CANDIDO, Mariana Nunes. *A saúde em suas múltiplas dimensões: reflexões a partir dos relatos de mulheres que têm a cura como ofício*. 2020. 93 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati, 2020.

CUNHA, Lidianne Alves da. *Abençoada cura: poéticas da voz e saberes de benzedadeiras*. 2017. 203 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

DOURADO, Simone Pereira da Costa. A pandemia de COVID-19 e a conversão de idosos em “grupo de risco”. *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 29, supl., pp. 153-162, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29isuplp153-162>. Acesso em: 20 set. 2025.

GOLDENBERG, Miriam. Velhofobia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/miriangoldenberg/2020/04/velhofobia.shtml>. Acesso em: 30 maio 2025.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete Terezinha. Velhas benzedadeiras. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 17, n. 2, pp. 126-140, 2012. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/14025>. Acesso em: 4 set. 2025.

HUTCHISON, Ângela Maria Machado de Lima. Envelhecimento, gestão da(s) velhice(s) e cuidado(s) na pandemia de Covid-19. *Revista de Estudos Culturais*, v. 1, n. 6, pp. 38-59, 2021. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revistaec/article/view/239026>. Acesso em: 30 set. 2025.

JESIEN, Stephanie; MARMITT, Luana Patrícia; MEUCCI, Rodrigo Dalke. Benzeção como recurso em saúde: estudo transversal com idosos moradores de área rural. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 56, p. 72, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2022056003701>. Acesso em: 30 set. 2025.

LEWITZKI, Taisa (Org.). *Da invisibilidade social para o reconhecimento formal: o direito de afirmação da identidade de benzedadeiras e benzedores, municípios de Rebouças e São João do Triunfo, Paraná*. Boletim Informativo Nova Cartografia Social, n. 5, ago. 2011.

LEWITZKI, Taisa. *A vida das benzedadeiras: caminhos e movimentos*. 2019. 242 f.

Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Departamento de Antropologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/60887>. Acesso em: 5 set. 2025.

LEWITZKI, Taisa. Benzedeiras no mapa: cartografias de reconhecimento. *Campos - Revista de Antropologia*, v. 26, n. 1, 2025a. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/91461>. Acesso em: 5 set. 2025.

LEWITZKI, Taisa; FRÓIS, Douglas. A vida das benzedeadas: movimentos de uma etnografia. *Campos - Revista de Antropologia*, v. 26, n. 1, 2025b. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/91462>. Acesso em: 20 maio 2026.

LONGHI, Marcia Reis. Cuidados, velhice e pandemia: algumas questões para pensar o cenário brasileiro. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 28, e230180, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.230180>. Acesso em: 4 set. 2025.

MEIRA, Ariadne Messalina Batista; PONTES, Karla Lourrana Cavalcante; BÚ, Emerson Araújo do; ROCHA, Karyanna Alves de Alencar; ARAÚJO, Cristina Ruan Ferreira de. Ressignificando o lugar da velhice através da benzeção: a valorização da tradição e do saber popular. *Anais do Congresso Internacional de Envelhecimento Humano – CIEH*, v. 2, n. 1, 2015.

Memória Popular da Pandemia. Narrativas sobre a pandemia de Covid-19. Plataforma DH, 2020-. Disponível em: <https://memoriapopulardapandemia.org.br/>. Acesso em: 20 set. 2025.

Memórias da Pandemia. Benzedeiras do Centro-Sul do Paraná [Playlist]. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLN2vlhuvKcUap76VUQggga6sxWUdurM2z>. Acesso em: 20 set. 2025.

MOL, Annemarie. *The logic of care: health and the problem of patient choice*. London: Routledge, 2008.

PARANÁ. Lei ordinária nº 19.689, de 5 de novembro de 2018. Dispõe sobre o reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Paraná os saberes, conhecimentos e práticas tradicionais de saúde dos ofícios tradicionais de saúde popular e cura religiosa dos benzedeiros e benzedeadas, costureiros, costureiras de rendidura e machucadura, massagistas tradicionais, rezadeiras, remedieiros e parteiras do Estado do Paraná. Curitiba: Assembleia Legislativa do Paraná, 2018.

REBOUÇAS. Lei ordinária nº 1.401, de 2010. Dispõe sobre o processo de reconhecimento dos ofícios tradicionais de saúde popular e regulamenta o livre acesso à coleta de plantas medicinais nativas no município. Rebouças: Câmara Municipal, 2010.

Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pr/r/reboucas/lei-ordinaria/2010/140/1401/>. Acesso em: 19 maio 2026.

ROSSI, A. C. M.; CARVALHO, P. R. Reflexões a respeito da velhice na pandemia

de Covid-19. *Psicologia Revista*, v. 33, n. 1, pp. 9-26, 2024. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/52942>. Acesso em: 4 set. 2025.

TRONTO, Joan C. *Caring democracy: markets, equality, and justice*. New York: New York University Press, 2013.

VAZ, Vânia. *As benzedeadas da cidade de Irati: suas experiências com o mundo e o mundo da benzeção*. 2006. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/12937/1/Dissertacao%20Vania%20Vaz.pdf>. Acesso em: 30 set. 2025.

VANDRESEN, José C.; BUTI, Rafael P.; SOUZA, Roberto M. Narrativa sobre a sistematização das experiências da Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais. In: SOUZA, Roberto Martins de; BARBOSA, Aline Miranda; BRITO, Eduardo dos Santos (Orgs.). *Identidades coletivas e conflitos territoriais no sul do Brasil*. Manaus: UEA Edições, 2014. pp. 250.

WEDIG, Josiane Carine; RAMOS, João Daniel Dorneles. A colonialidade nas práticas de saúde e as resistências de benzedeadas e mães de santo. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 25, n. 2, pp. 488-503, 2020.

Agradecimentos

Agradecemos as benzedeadas do Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA) e dedicamos essa publicação em memória das benzedeadas Ilda Klosowski (2022), Alzira (2022) e Ana Maria dos Santos (2026).

Financiamento

Bolsa de Pós-doutorado da Fundação da Universidade Federal do Paraná (FUNPAR), no âmbito do Projeto TED N° 161/2023 Quilombos INCRA/UFPR.

Recebido em 30 de setembro de 2025

Aceito em 20 de maio de 2026